

# AS VERTENTES CULTURAIS EM *SOB OS CEDROS DO SENHOR* (1994)

## CULTURAL ASPECTS IN THE BOOK *SOB OS CEDROS DO SENHOR* (1994)

Lemuel de Faria Diniz<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este ensaio se propõe a investigar a obra *Sob os cedros do Senhor* (1994), de Raquel Naveira, desvelando os costumes, as tradições, a vida comercial, enfim, o repertório de heranças trazidas pelos imigrantes árabes e armênios, que culminaram na formação cultural de Campo Grande, a capital do Mato Grosso do Sul.

**Palavras-chave:** poesia confessional; memória; Campo Grande.

**ABSTRACT:** The purpose of this essay is to investigate the book *Sob os cedros do Senhor* (1994), by Rachel Naveira, and unveil the customs, traditions, business, in short, the heritage repertoire brought by Arabs and Armenian immigrants, which culminated in the cultural formation of the city of Campo Grande, capital of Mato Grosso do Sul.

**Keywords:** confessional poetry; memory; Campo Grande.

*A memória tem sido a matéria de minha poesia: os vestígios, sinais, as sensações submersas. Através desse fio precioso e mágico tenho tecido e recuperado um mundo perdido: o escoar inexorável da minha vida e do passado de minha cidade.*

(NAVEIRA, 1992, p. 39)

Na produção pluritemática da escritora campo-grandense Raquel Naveira, que comporta temas históricos, regionais, místicos e metaliterários, a coletânea *Sob os cedros do Senhor* (1994) destaca-se no sentido de que nessa obra o trabalho literário da poetisa com as culturas parece ser bastante “intenso”, o que, a nosso ver, justifica um olhar mais atento nesse “elemento”. Isso não nos impede, todavia, de assinalar também a presença das vertentes histórico-regionais na referida obra literária. É curioso notar que já o subtítulo da obra – “poemas inspirados na imigração árabe e armênia em Mato Grosso do Sul” – instiga no leitor uma curiosidade para compreender como se dá a presença das várias culturas no texto literário.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras/Estudos Literários pela UFMS/Campus de Três Lagoas, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos. É professor de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, MS e é um apreciador da literatura sul-mato-grossense. Professor da UFMS/Campus de Coxim, atuando na área de Letras.

Para expormos nossas considerações sobre a coletânea naveiriana, é importante destacar algumas lições que aprendemos de Antonio Candido, quanto à relação entre a obra e o seu condicionamento social. O crítico enuncia que só é possível “avaliar” a integridade de uma obra “fundindo texto e contexto numa interpretação dialéticamente (*sic*) íntegra”, o que equivale a verificar, no fator social,

[...] se êle (*sic*) fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos [*sic*] de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos [*sic*] de Lukács, se é determinante do valor estético). (CANDIDO, 1965, p. 5).

As explanações de Candido são bastante significativas para nossas reflexões, visto que na composição da obra *Sob os cedros do Senhor* (1994), os fatores sociais, presentes como influxos externos, não apenas constituem a “matéria” utilizada como condução da “corrente criadora” naveiriana, como também atuam “na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte”. Aqui, cabe evocar outra proposição do crítico: “o [influxo] externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado”, senão “como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 1965, p. 5).

Na esteira de Candido, nos poemas que compõem *Sob os cedros do Senhor* (1994), as trocas e os intercâmbios culturais dos imigrantes árabes e armênios para com a população de Campo Grande, e desta para com aqueles, são os influxos externos de dimensões sociais que desempenham um papel fundamental na estrutura da obra poética naveiriana (conforme veremos no decorrer do trabalho), ao tornarem-se influxos internos.

Outra questão importante que perpassará nossos estudos é a memória. No ensaio “A infância revestida na literatura”, Maria da Glória Sá Rosa pondera quão indelévels à memória são os acontecimentos relacionados à aurora da vida, pois a infância detém a magia do nosso porvir, é “quando abrimos os olhos para o mundo e vai-se desenhando em nosso íntimo o esboço do que vai ser nossa trajetória pelos anos afora”. Para Rosa, as lembranças da infância dos escritores José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Mário Vargas Llosa e Raul Pompéia concorreram, respectivamente, para a elaboração das obras *Menino de engenho* (1932), *Infância* (1945), *O peixe na água* (1994) e *O Ateneu* (1888) (ROSA, 2002, p. 15).

De modo semelhante, ocorre com a memória da artista sul-mato-grossense. Na elaboração de *Sob os cedros do Senhor* (1994), a memória de Naveira tem uma função importante, uma vez que, conforme assegura Maria da Glória Sá Rosa, no ensaio “A poesia como resgate da história – a propósito do livro *Sob os Cedros do Senhor* de Raquel Naveira”, Naveira conviveu desde menina com libaneses, sírios e outros povos de descendência oriental, presenciou o crescimento de Campo Grande por meio “da coragem e da sensibilidade dessa brava gente, que teceu os fios do progresso e preparou os caminhos do futuro”, assim como, Naveira, no “computador da memória

foi guardando cuidadosamente os registros de cada coisa vista” (ROSA, 1994, p. 5). Por conseguinte, a memória da escritora campo-grandense é o elo pelo qual as reminiscências da infância se tornam o *corpus* para a sua produção poética. Como ela mesma afirmou: “A memória tem sido a matéria de minha poesia: os vestígios, sinais, as sensações submersas. Através desse fio precioso e mágico tenho tecido e recuperado um mundo perdido: o escoar inexorável da minha vida e do passado de minha cidade” (NAVEIRA, 1992, p. 39).

É bom se considerar também que a coletânea naveiriana é de cunho confessional. E, para justificar essa constatação, diríamos, parafraseando Bernardo Oliveira que, na composição de *Sob os cedros do Senhor* (1994), a memória de Naveira se torna “literária”,<sup>2</sup> pois na referida obra encontram-se versificados os povos orientais que a escritora sul-mato-grossense conheceu durante a infância. O imaginário literário de Naveira reelabora essa gama de lembranças e torna o seu texto poético confessional.

Nesse contexto globalizante, cabe dizer que neste ensaio pretendemos analisar a obra *Sob os cedros do Senhor* (1994) observando como a poética fornece um legado multicultural, isto no que tange aos costumes, à vida comercial, ou seja, às contribuições à formação cultural campo-grandense trazidas por armênios, sírios e libaneses. Ao constituírem a estrutura da obra naveiriana, esses influxos externos se tornam internos. Transcrevemos o poema “Rumo ao Centro-Oeste”, a fim de iniciarmos nossas reflexões:

Enfrentando tempestades,  
Em soturnos navios,  
Vieram os libaneses.

No coração  
A ânsia da liberdade,  
A esperança de um novo mundo,  
Na maleta, cultura e coragem;  
Príncipes altivos e dignos.

Atravessaram o Uruguai,  
A Argentina,  
Assunção,  
Aportaram em Corumbá  
No casario do Porto  
Entre camalotes lilases  
E gaviões de asas gigantes.

<sup>2</sup> De acordo com Bernardo Oliveira, “a questão do EU na literatura se torna mais clara [quando compreendemos que] Não há de um lado um eu exilado ou morto e de outro um poeta que é pura inspiração e técnica, o que existe é um EU que já é pura poesia, pura literatura. É a partir desta intimidade literária que os poetas nos falam e não de suas próprias intimidades, suas “vidas em si” [...] não existe, para um poeta de verdade, um EU puro e simples a confessar, e sempre que alguém incorre neste engano não produz nada além de um diário (mesmo um diário poético)” (OLIVEIRA, 1988, p. 74).

Entre chalanas,  
Embarcações incômodas,  
Desceram o Salobra,  
O Miranda,  
O Aquidauana,  
Estarrecidos de imensidão.

Fixaram-se em Porto Murtinho,  
Nioaque;  
[...]  
(NAVEIRA, 1994, p. 27)

Fugindo de agitadas questões políticas e de “conflitos religiosos fratricidas” (TRAD, 1999, p. 298), os libaneses vieram para a nação brasileira “Enfrentando tempestades, / Em soturnos navios,” somente com sua cultura e coragem. As dificuldades surgidas não os impediram de seguir a maratona da viagem: viajaram através do Uruguai, Argentina, Assunção e, finalmente, por Corumbá, cidade que constituía o centro comercial de todo o Mato Grosso. De acordo com as informações fornecidas por Fábio Trad, no ensaio “Libaneses”, a partir daí, alguns rumaram para o sul do Estado em embarcações extremamente desconfortáveis atravessando os rios Salobra, Miranda e Aquidauana, enquanto outros estabeleceram-se em Porto Murtinho, Nioaque e Aquidauana (TRAD, 1999, p. 298). Nas estrofes seguintes, o eu poético delinea a cidade de Campo Grande em seus primórdios:

[...]  
De carreta  
Chegaram a Campo Grande,  
Arraial poeirento,  
De lama vermelha,  
De casas de pau-a-pique,  
Bafejadas pela chaminé da Maria Fumaça.

Sentiram o progresso nos trilhos,  
Abriram os baús,  
Mascates mágicos  
Que vendiam em cada peça de seda  
Um sonho de odalisca e de sultão.

De mascates a comerciantes  
Surgiram as lojas na 14,  
A rua 14,  
Onde havia uma casa,  
Ficava no meio dos libaneses,  
A casa da minha infância.  
(NAVEIRA, 1994, p. 27-28)

Campo Grande, ainda arraialzinho, um vilarejo que mal disfarçava sua timidez para o desenvolvimento, acolhe, em seu rubro chão, os libaneses, vindos, em grande

parte, em carretas puxadas por duas ou três juntas de bois ou nos lombos de cavalos e burros em trajetos

que não duravam menos que três dias. Crescendo com a capital, os libaneses presenciavam a cidade em seu progresso nos trilhos, proveniente da implantação das “Marias-Fumaças” pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ligava as bacias fluviais do Paraná e do Paraguai aos países limítrofes (a Bolívia, através de Porto Esperança, e o Paraguai, através de Ponta Porã). Desse modo, o então Mato Grosso passou a receber um contingente significativo de imigrantes libaneses, além de povos de outras nacionalidades.<sup>3</sup> E Campo Grande se firmou como um ponto de passagem obrigatório para todos os que se dirigissem ao Pantanal, à Bolí-

via ou à Amazônia, tornando-se a mais beneficiada com a estrada de ferro e transformando-se de vilarejo periférico em cidade de importante localização estratégica (TRAD, 1999, p. 298-299). Nesse ínterim, cabe ressaltar ainda que a chegada do trem e dos grupos imigrantes trazem para a cidade novas atrações e equipamentos para o divertimento público como teatro, cinematógrafo, casas de bilhar, cafés e sorveterias (MACHADO, 2000, p. 28).

De acordo com Sérgio Lamarão, a mascateação era inicialmente a atividade abraçada pelos imigrantes sírios e libaneses ao aportarem em solo brasileiro, uma vez que a maioria deles vinha com o objetivo de permanecer temporariamente, acumular algum capital e retornar. A atuação profissional não se reduzia às cidades: os mascates comercializavam seus produtos nas fazendas e povoados, razão pela qual são considerados por muitos pesquisadores como os fundadores do chamado “comércio popular” no Brasil. Era comum que os mascates bem-sucedidos abrissem uma loja de tecidos e armarinho e, parentes e conterrâneos emigrassem para o país, atraídos pelo crescimento dos negócios. “Do varejo, sírios e libaneses partiram para o comércio atacadista e posteriormente para a indústria têxtil.”<sup>4</sup>

O que se vê no Mato Grosso do Sul é uma trajetória idêntica: após mascatearem pelo interior do Estado – naquela época, ainda nomeado Mato Grosso – vendendo toda espécie de artigos de primeira necessidade, os imigrantes libaneses chegaram a Campo Grande, onde, de “Mascates mágicos / Que vendiam em cada peça de seda / um sonho de odalisca e de sultão”, fundaram suas próprias lojas. Surgiram, assim, os centros comerciais como os da Rua 14 de Julho e da Avenida Calógeras, conforme assegura Fábio Trad (1999, p. 299).

<sup>3</sup> “Presume-se que ao longo do tempo, pessoas de mais de 40 países tenham se fixado em Campo Grande exercendo importante influência no desenvolvimento da região, pela migração de recursos e transmissão de valores culturais incorporados na comunidade” (TEIXEIRA, 2004, p. 9). Dentre os grupos imigrantes, lembramos os italianos, alemães, gregos, poloneses, portugueses, espanhóis, japoneses, paraguaios e bolivianos, conforme lê-se na obra *Campo Grande – 100 anos de construção*. Campo Grande, MS: Matriz, 1999, p. 297-351.

<sup>4</sup> Lamarão ainda explicita que, em todo o território brasileiro, os sírios e libaneses, assim como seus descendentes, “motivados pela crença de que qualquer lugarejo constituía um mercado em potencial para o mascate fixar-se como comerciante, encontraram oportunidades de trabalho e experimentaram um franco processo de ascensão social” (LAMARÃO, 2004, p. 179, 182).





Em *Sob os cedros do Senbor* (1994), a aceitação dos imigrantes pela população de Campo Grande – e agora não estamos mais nos restringindo aos palestinos, sírios e libaneses, evidenciados no ensaio de Oliveira –, que se deu principalmente por meio do comércio, pode ser verificada também em excertos dos textos poéticos “Passeio pela 14”, “Móveis”, entre outros.

Quanto aos empréstimos e trocas entre os costumes de Campo Grande e as tradições dos imigrantes, denotados por Chisini, estes podem ser investigados no poema “Dona Tita”:

Dona Tita faz quitutes  
Da cozinha de Beirute:  
Charutos de folhas de uva,  
Colhidas da parreira do quintal,  
Quibe de carne crua  
E trigo moído,  
Tabule de hortelã,  
Pasta de grão-de-bico,  
Coalhada seca,

Tudo regado de azeite,  
Curtido de cebola,  
Acompanhado de pão branco e fino;  
Para sobremesa  
Doces oleosos  
De semolina  
E gergelim.

Dona Tita sabe:  
Ninguém resiste  
Aos quitutes de Beirute.  
(NAVEIRA, 1994, p. 79)

O eu-lírico se reporta a uma das mais basilares tradições culturais dos imigrantes árabes: a preparação da comida. De acordo com as pesquisas de Cecília Kemel, o preparo da comida chega a ser considerado um rito, que não depende de hora nem de lugar para que seja praticado. Apesar disso, alerta a estudiosa, cada detalhe desse rito “conduz à terra dos ancestrais”, pois, na reprodução de cada prato típico é renovada a alimentação dos antepassados, por meio da qual “os seus familiares reviverão a terra de origem.” Por ser basicamente artesanal, a preparação das refeições é morosa, mesmo na atualidade, sendo que a mulher é a responsável por essa atividade.

Nota-se que muitos dos elementos da tradição culinária árabe, mais especificamente da libanesa, presentes na primeira estrofe (“Quibe de carne crua / E trigo moído”, “Pasta de grão de bico”, “Doces oleosos”), estão em consonância com os estudos de Kemel<sup>5</sup>. Essa observação é útil para endossar o que as pesquisadoras

<sup>5</sup> KEMEL. Os núcleos de Porto Alegre, p. 58, 65-67. Essas observações da autora, das quais nos utilizamos, não estão restritas aos núcleos imigrantes da capital gaúcha, mas estão relacionadas aos imigrantes árabes de um modo geral.

Josenia Chisini e Maria da Glória Sá Rosa assinalaram em seus estudos: na produção literária naveiriana a atividade de pesquisa histórica precede a composição da obra artística. Chisini apontou esse aspecto ao se referir à elaboração de *Guerra entre irmãos* (1997)<sup>6</sup>, e Rosa à de *Sob os cedros do Senbor* (1994). Ao fazê-lo, Rosa afirmou:

Para transformar em poesia todo esse complexo de costumes, crenças, religião (*sic*), que constitui a cultura de árabes e armênios a autora fez cuidadosa pesquisa em livros de história e geografia, o que lhe permitiu navegar com segurança nos assuntos abordados. (ROSA, 1994, p. 5).

Feita essa observação, e voltando nossa atenção para o poema “Dona Tita”, asseveramos que o eu-lírico se mostra aculturado por meio da alimentação típica do Líbano. Há um redimensionamento dos espaços: a culinária típica da cidade de Beirute, a capital do Líbano, passa a ser apreciada pela população da cidade de Campo Grande. Assim, cabe dizer que os conteúdos poéticos comportam importantes questões pertinentes à cultura, nas quais repousam noções indispensáveis ao estudo e à compreensão dos “fenômenos” culturais globais: 1) “Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais” (HALL, 2003, p. 44-45); 2) “As sociedades multiculturais não são algo novo. [...] a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente ‘mistas’” (HALL, 2003, p. 55).

As afirmações de Hall, relacionadas acima, são úteis para denotarmos o pluralismo cultural que caracteriza a cultura sul-mato-grossense, assim como também podem ser estendidas à cultura da maioria, senão da totalidade, dos povos que habitam o planeta. Deve-se ter em mente que o termo **hibridismo (hibridização ou hibridação)** é um consenso entre os pesquisadores quando se referem às migrações e as sociedades multiculturais, o que pode ser exemplificado na resposta de Hall à indagação de Kuang-Hsing Chen no tocante à “energia criativa” da diáspora: “Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida” (HALL, 2003, p. 432-433).

No poema “Dona Tita”, verifica-se o testemunho literário do hibridismo que marca a contribuição da culinária árabe/libanesa para com a cultura sul-mato-grossense, destacadamente em Campo Grande, cidade que deteve o maior afluxo de imigrantes do Estado. Por meio da assimilação dos pratos típicos árabes/libaneses, a identidade cultural do Mato Grosso do Sul torna-se híbrida, conforme interpreta-se no texto poético e lê-se “Na rota da cultura popular sul-mato-grossense”, de Marlei Sigrist: “Com a chegada dos palestinos, libaneses, turcos, armênios, a partir de 1910, novos hábitos vão sendo incorporados à cultura do Estado, principalmente na **alimentação** e formas de comercializar” (2000, p. 40, negrito nosso). Nota-se ainda que a fala da pesquisadora inclui as “formas de comercializar” como uma das

<sup>6</sup> Neste ensaio, a estudiosa da obra naveiriana assevera que a “inclinação para a reconstituição da História é uma marca do amadurecimento artístico da escritora”. CHISINI. A difusão do trabalho literário de Raquel Naveira, p. 27.

contribuições dos imigrantes à cultura do Estado, o que concorre para corroborar a presença das vertentes culturais em *Sob os cedros do Senhor* (1994), como procuramos destacar nos poemas “Rumo ao Centro-Oeste” e “Camisaria”.

Acreditamos que as citações de Sigrist e de Hall, com as quais vimos tentando construir nosso pensamento, fornecem também o contexto para pontuarmos que Campo Grande é uma cidade multicultural. Entendemos que o multiculturalismo que hoje constitui a capital do Mato Grosso do Sul originou-se na diáspora dos povos árabes e armênios rumo ao Estado, em decorrência de perseguições políticas ou religiosas e, ao abrigar um misto de diferentes etnias – libaneses, turcos, sírios, dentre povos de outras nacionalidades –, na atualidade, Campo Grande notabiliza-se pela sua identidade cultural híbrida, que se evidencia, por exemplo, nos seus costumes e na sua literatura<sup>7</sup>. No poema “Estava escrito”, que compõe a coletânea naveiriana, o eu-lírico “cede” a voz aos imigrantes e, por meio deles, denuncia a formação multicultural do Mato Grosso do Sul, nestes versos que galgam dimensões épicas ao exporem a saga dos povos árabes e armênios no Estado:

Estava escrito,  
Era aqui o lugar onde aportaríamos,  
Imigrantes,  
Gente que passou provações.  
Esta terra disse sim  
A todos nós  
E repartiu conosco a ternura da vida.

Este cerrado vermelho  
Acolheu nossas nacionalidades,  
Nossas preces  
E nos uniu numa osmose de lama e luz.

Muitas histórias,  
Grandes e humildes,  
Construiriam este sul de Mato Grosso,  
Estava escrito.

(NAVEIRA, 1994, p. 99)

No prosseguimento desta investigação, procuraremos destacar com mais ênfase o papel da memória na coletânea naveiriana, pois até o momento este enfoque parece ter ficado mais restrito à última estrofe do texto poético “Rumo ao Centro-Oeste”. Para a empresa que ambicionamos alcançar, pensamos ser de muita valia

---

<sup>7</sup> Maria Adélia Menegazzo conceitua a literatura campo-grandense como “uma grande colagem de estilos, linguagens e temas”. Para a estudiosa, esse “fenômeno” guarda relações com os intercâmbios culturais, provenientes da interação de diferentes povos: “Se Campo Grande tem uma fisionomia, e dela já se ressaltou tantas vezes o caráter multifacetado, resultado das constantes trocas culturais que estão na base de sua formação, na literatura essa pluralidade de vozes se fará ouvir e raramente encontraremos uma relação direta de ilustração ou reescritura de acontecimentos urbanos. A literatura é o espaço de todas as possibilidades, das que aconteceram, que acontecem e que poderão acontecer” (MENEGAZZO, 2004, p. 55-56).

as considerações de Sérgio Yonamine, inseridas no ensaio “A cidade da memória”. Na perspectiva do referido autor,

Lembrar é ser cultural, porque, além do chamado tempo cósmico, este inapreensível e abstrato, ente psicológico e subjetivo que criamos para tentar entender o que acontece, também inventamos outras categorias de tempo, se assim podemos definir. É o tempo humano, baseado justamente em nossas vivências. Podemos também chamar de tempo-histórico porque é sempre um tempo relatado. É esse tempo relatado, fundamentalmente cultural que dá valores, escalas e significados aos atos e fatos e dá a eles seqüência e até uma lógica argumentada. (YONAMINE, 1995, p. 10).

Os posicionamentos de Yonamine nos ajudam a pensar como da memória naveiriana emanam as vertentes culturais que permeiam a coletânea *Sob os cedros do Senhor* (1994). As lembranças que Naveira detém dos primórdios de Campo Grande e dos povos árabes e armênios que colaboraram, de diversas maneiras, no desenvolvimento da cidade se tornam culturais na medida em que reativam os elementos culturais “perdidos” no tempo. O tempo humano, no qual residiam as lembranças da poetisa, é reinventado em sua obra. Na poesia narrativa de Naveira, esse tempo é relatado e se torna “fundamentalmente cultural”, pois “dá valores, escalas e significados aos atos e fatos e dá a eles seqüência e até uma lógica argumentada”. Nesses termos, “lembrar é ser cultural”.

À explanação de Yonamine, precisamos acrescentar a lição que apreendemos de Vani Kenski, quando considera que a “lógica das lembranças é a da emoção”, tanto que, nos estudos da memória, quando se indaga aos depoentes sobre suas vivências, o que predomina nas respostas “vai dizer das relações familiares, sociais, culturais” (1994, p. 48). Trazendo essas declarações para o contexto da investigação, nos sentimos respaldados para analisar o poema “Ruiva”. Neste, a amizade de infância travada entre Naveira e Sônia Chinzarian, (Entrevista concedida pela escritora Raquel Naveira - Texto não estabelecido) esta, filha de imigrantes armênios, forneceu material para a composição do referido texto literário, que transcrevemos em seguida:

Na loja Rochedo  
 Refulgiam baixelas,  
 Panelas,  
 Adornos de prata,  
 Vasilhames de cobre,  
 Faqueiros de aço.

Quando o sol passava pelas prateleiras  
 Os metais cintilavam  
 Entre papéis púrpuros  
 E laços de fita.

Brilho maior  
 Eram os cabelos vermelhos,

Cascata de fogo,  
Torrente de ferrugem  
Sobre os ombros  
Da menina armênia.  
(NAVEIRA, 1994, p. 49)

É importante reparar que a coletânea *Sob os cedros do Senhor* (1994) é confessional: os restos da memória naveiriana convertidos em arte constituem a obra literária. Por essa razão, a lembrança da “menina Armênia” (Sônia Chinzarian) é motivada pela relação social de amizade que Naveira mantinha por aquela. A emoção da reminiscência é recobrada por meio do cromatismo: “Brilho maior / Eram os cabelos vermelhos”. No ensaio “Memória, esquecimento, silêncio”, Michael Pollak pondera que os elementos “de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores” atuam na manutenção das lembranças mais próximas, “aquelas de que guardamos recordações pessoais” (1989, p. 11), o que pode ser visto no poema “Ruiva”. Neste, a cor vermelha predomina sobre o cromatismo presente nas “Painéis, / Adornos de prata, / Vasilhames de cobre”, uma vez que é o vermelho que aciona a memória literária naveiriana.

Quase que simultaneamente à produção do poema por meio da elaboração artística dos fragmentos da memória da escritora, ocorre a propulsão das vertentes culturais no texto. A composição poemática recupera a trajetória da família armênia Chinzarian em Mato Grosso do Sul, no que tange ao aculturamento sofrido pela mesma em virtude das atividades comerciais desenvolvidas na Loja Rochedo. Explicando melhor: Sônia, a menina armênia de cabelos vermelhos como cascata de fogo, é descendente de Arthur João Chinzarian, que emigrou para o Brasil em 1911 fugindo dos vários massacres impostos pelo Império Turco-Otomano aos armênios como consequência da sua recusa em adotar o islamismo<sup>8</sup>.

Desembarcando em Campo Grande em 1945, a família Chinzarian monta a Funilaria Rochedo, na Rua Dom Aquino, entre a Rua 14 de Julho e a Avenida Calógeras, ao lado do antigo Cine Santa Helena. O trabalho árduo e intenso na confecção de calhas e canaletas possibilitou à família inaugurar em 1947, na Rua 14 de Julho, a Casa Rochedo, especializada em alumínio, louças e artigos para presente. A prosperidade alcançada nesse comércio proporcionou ao casal Muxeque e Maria Arakelian financiar a educação de seus filhos: Arthur tornou-se engenheiro civil e Sônia, que atualmente reside em São Paulo, arquiteta (CHINZARIAN, 1999, p. 328-329).

Concluindo, ponderamos que as vertentes culturais presentes em *Sob os cedros do Senhor* (1994) têm suas origens relacionadas à memória de Naveira, de onde emergem as lembranças que serão lapidadas até se tornarem poesia confessional. Esta poética confessional busca recuperar, de modo simultâneo, o legado multicultural forneci-

---

<sup>8</sup> A violenta perseguição religiosa empreendida pelo Império Turco-Otomano aos armênios abrange, aproximadamente, do século XIX até 1915, quando o governo turco resolve deportar a população armênia (cerca de dois milhões de pessoas) para a Síria e a Mesopotâmia (atual Iraque). Essa deportação fica conhecida como “genocídio armênio” por provocar centenas de milhares de mortes (CHINZARIAN, 1999, p. 327).

do pelos imigrantes árabes e armênios ao Mato Grosso do Sul – principalmente à cidade de Campo Grande – e parte da infância da escritora, conforme procuramos demonstrar por meio de nossas exposições.

## REFERÊNCIAS

- ACULTURAÇÃO. In: BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1986. p. 46.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. p. 1-9.
- CHINZARIAN, Muxeque. Armênios. In: *Campo Grande - 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz, 1999. p. 327-329.
- CHISINI, Josenia Marisa. A difusão do trabalho literário de Raquel Naveira. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de literatura comparada*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2000. p. 23-40. 240 p. (Fontes Novas. Ciências Humanas).
- \_\_\_\_\_. Raquel Naveira: a fandeira de textos poéticos. In: RUSSEFF, Ivan; MARINHO, Marcelo; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Orgs.). *Ensaíos farpados: arte e cultura no Pantanal e no cerrado*. 2. ed. rev. e ampl. Campo Grande, MS: Ed. UCDB/Letra Livre, 2004. p. 173-187.
- DORSA, Arlinda Cantero. Raquel Naveira e a literatura sul-mato-grossense. In: \_\_\_\_\_. *As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira*. Campo Grande, MS: Ed. UCDB, 2001. p. 27-65.
- HALL, Stuart. A questão multicultural. In: SOVIK, Lív (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 51-100. (Coleção Humanitas).
- \_\_\_\_\_. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall, de Kuan-Hsing Chen. In: SOVIK, Lív (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 407-434. (Coleção Humanitas).
- \_\_\_\_\_. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Lív (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 25-50. (Coleção Humanitas).
- KEMEL, Cecília. A Síria e o Líbano. In: \_\_\_\_\_. *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2000. p. 17-24.
- \_\_\_\_\_. Os núcleos de Porto Alegre. In: \_\_\_\_\_. *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2000. p. 37-74.
- KENSKI, Vani Moreira. Memória e ensino. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 90, p. 45-51, 1994.
- LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. Identidade étnica e representação política: descendentes de sírios e libaneses no Parlamento brasileiro, 1945-1998. Notas sobre uma pesquisa em andamento. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. *Imigrantes em região de fronteira: condição infernal*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Guerras e imigrações*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 169-188.

MACHADO, Eduardo O. O passado. In: *Campo Grande 2000*. Campo Grande: Sampaio Barros, 2000. p. 12-31.

MENEGAZZO, Maria Adélia. Uma grande colagem de estilos, linguagens e temas. *Revista Arca: revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande-MS*, Campo Grande, MS, n. 10, p. 55-56, 2004.

NAVEIRA, Raquel. Poesia sociológica. In: \_\_\_\_\_. *Fiandeira*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992. p. 39-41.

\_\_\_\_\_. *Sob os cedros do Senhor*: poemas inspirados na imigração árabe e armênia em Mato Grosso do Sul. São Paulo: João Scortecci, 1994. 101p.

OLIVEIRA, Bernardo. Sobre o confessional. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, v. 3, n. 4/5, p. 70-74, 1988.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. Imigrantes em região de fronteira: condição infernal. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (Org.). *Guerras e imigrações*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 189-203.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FAPERJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

ROSA, Maria da Glória Sá. A infância revestida na literatura. *Primeira Hora*, Campo Grande, MS, 29 nov. 2002. Hora Literária, p. 15.

\_\_\_\_\_. A poesia como resgate da história – a propósito do livro *Sob os cedros do Senhor*, de Raquel Naveira. *Correio do Estado*, Campo Grande, MS, 23-24 jul. 1994. Caderno B, Suplemento Cultural, p. 5.

SIGRIST, Marlei. Na rota da cultura popular sul-mato-grossense. In: \_\_\_\_\_. *Chão batido: a cultura popular de Mato Grosso do Sul*: folclore, tradição. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2000. p. 33-44.

TEIXEIRA, Célia. Essa gente campo-grandense. *Revista Arca: revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande-MS*, Campo Grande, MS, n. 10, p. 3-14, 2004.

TRAD, Fábio. Libaneses. In: *Campo Grande - 100 anos de construção*. Campo Grande, MS: Matriz, 1999. p. 297-300.

YONAMINE, Sérgio. A cidade da memória. *Revista Arca: revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande-MS*, Campo Grande, MS, n. 5, p. 10-11, 1995.